

# RECEPÇÃO

## — CRÍTICA AOS TRABALHOS RECEBIDOS

por ALICE VASSALO PEREIRA

**ANTÓNIO DE CASTRO** — (Almada) — Com palavras e expressões aparentemente banaes, consegues cr-ar uma atmosfera muito especial nos teus poemas. As vezes — como acontece em «Roda marcada no limite...» — há a impressão de que tudo vai cair no fácil, na lágrima ao canto do olho. Mas lá vem uma palavra salvadora e tudo fica certo:

«reparo  
um sol mais quente abre as  
[portas da cidade]

E as portas do «Juvenil» aos teus poemas. Espero mais colaboração tua.

**M. PIMENTEL** — (Lisboa) — Tudo nos teus poemas — palavras, ritmo, forma — traz a marca daquelas composições que as donzelas românticas teciam á luz do luar em época de paixão não correspondida.

«Oh, doce jardim, tu foste p'ra  
[mim  
O amigo, o abrigo de sonhos,  
[de amores]

Com um fundo (nostálgico q. b.) de plano, era a cópia fiel desses tempos idos. Deixemo-nos de pieguices, valeu? Põe de lado estes versos de cabelo empoadado e sentimentalismo ultra (passado) romântico, convence-te de que a felicidade não é só «a noite, a be-

leza do luar», e então, se quiseres, dá notícias.

**LUÍS M. D. M. E SILVA** — (Amadora) — O poeta brasileiro Cassiano Ricardo define a poesia como «uma ilha rodeada de palavras por todos os lados». Nos poemas que mandaste há só palavras, palavras por todos os lados (e tanto ponto de exclamação! e tantas reticências!), mas se procurarmos a ilha não conseguimos encontrar nem o rasto. Não te percas em exaltadas exclamações: sê comedido nas palavras. E na pontuação também.

**P MIGUEL** (Lisboa) — As tuas «simbioses» não me convenceram nada, talvez por falarem muito de álcool e eu estar presentemente em regime de água mineral... Não, a tua poesia não escolheu ainda o caminho certo. Se tu deixasses as fantasias artificiais que não são mais que jogos (desinteressantes) de palavras e armadilhas pseudo-intelectuais para leitores desprevenidos, e nos desesses alguma coisa de ti, da tua vida?

Pela carta que mandaste (por que não lhe chamaste simplesmente «carta»? Por que foste complicar tudo com o «Monólogo Eu-Y-Ego»?) Fiquei com a impressão de que, se quiseres, poderás vir a escrever coisas com interesse (ao contrário do que dizia a tua professora, tu não és «burro, burro, burro», não senhor...) vamos

ter mais um bocadinho de calma e pensar a sério no que queremos fazer, está bem?

**M. SERRAS PEREIRA** (Abrantes) — (Sabes do que eu gostei mais, mais, de tudo o que escreveste? Foi daquele tão espontâneo «Veja bem o que faz agora!»...) Bom, mas isto é apenas um parêntesis, vamos conversar a sério. Todos os poemas que mandaste serão publicados, embora se note, por vezes, uma certa desorganização pelo meio. Queres dizer muita coisa ao mesmo tempo e isso nem sempre resulta: entre versos de poesia verdadeira — lembro-me agora daqueles três versos de «Os Cães da Minha Infância».

«todos os cães são tristes, e  
[isto desde a infância  
dos longos passeios que a família  
um dia organizava  
a terras passadas onde já não  
[ia]

—encontram-se por vezes, versos muito fracos, muito débeis e gastos:

«nas dunas murmuro doces  
[canções  
imagino mãos ternas]

Seria conveniente trabalhares um pouco mais os teus poemas. (Reparo agora que esta crítica está toda num ar muito solene, muito engravatado. No fundo o que eu te queria dizer era isto: gostei muito dos teus poemas. Manda mais!)

# OS CÃES DA MINHA INFÂNCIA

por MIGUEL SERRAS PEREIRA

Tenho pensado: talvez um dia a poeira me sufocue ou muito simplesmente o mar me afogue na primeira oportunidade que vier e penso que devem existir coisas diferentes do mar, da praia, das aguarelas baloiçadas que um pintor de sonos sonha nas esquinas quando a noite vem e o levam à praia a ouvir à noite o mar  
Todos os dias persisto em ver o mar à noite nas dunas murmuro doces canções imagino mãos ternas, areias consagradas e mordo frutos secos — copiosos nos meus bolsos Os olhos dum cão tornam-me doente se me matarem morrerei como um cão — todos os cães são tristes — repetia eu e desesperava mas era no tempo que mo consentia hoje não sei se o céu é mais pesado é como se o fosse e isso me basta; deve haver ratos na barrica onde me sento devem poisá-la as aves quando parto Todos os cães são tristes, e isto desde a infância dos longos passeios que a família um dia organizava a terras passadas onde já não ia. Foi, também, depois de ouvir três vezes largamente a mesma esperança nos sótãos perdidos que deixei de colher morangos na manhã e de olhar as filhas tão segredesquivas do poderoso farmacêutico da aldeia. Os beijos das famílias que vinham lanchar intimamente tornaram-se-me nesse tempo mais funestos e tornou-se-me então também suspeito o seu hálito de comprimidos e saliva — todos os cães são tristes — repetia eu e passava o [portão onde sempre, sempre o vento se sentira.

# NORMAS PARA A RECEPÇÃO

Os originais podem não ser dactilografados, mas é indispensável perfeita legibilidade e utilizando-se apenas uma das faces do papel.

Os nossos colaboradores devem ficar com uma cópia em seu poder, dado que, em caso algum, devolvemos originais.

Podem usar pseudónimo, para efeitos de publicação, mas a completa identificação é obrigatória.

## ARDER

vê como ardo  
violentamente  
como os olhos  
as cerejas  
cantadas em outubro  
mês este violento  
faltava a água

o incêndio tomava no peito a cidade

ardia ardia  
ardia cantando

na terceira  
helena beijava manuel  
tinham nome e coração  
o comboio parava  
ardia ardia sempre  
cortava a garganta nas paisagens

cortava a garganta nos homens sem futuro

anda ver como ardo

o inverno é quente  
aqui o frio nos aquece

vê como ardo  
cantando.

ANTÓNIO TOPA

Os nossos colaboradores ficam dispensados de enviar selos do correio pois, por princípio, não se fazem críticas particulares. Se houver necessidade de uma comunicação directa, os selos correm por nossa conta.

Podem ser enviados para a «Recepção» não apenas conto, teatro e poesia, mas também ensaio, artes plásticas, reportagem.

Os trabalhos devem ser enviados para «Recepção» — «Diário de Lisboa» — «Juvenil» — Rua Luz Soriano, 44, Lisboa.



VENÇA O SEU  
ESGOTAMENTO

O INTENSO RITMO DA VIDA MODERNA EXIGE UM TRABALHO E UM ESFORÇO EXCESSIVOS, O QUE FREQUENTEMENTE ORIGINA UM DESEQUILÍBRIO DO SISTEMA NERVOSO E A FALTA DE ENERGIAS PARA A LUTA COTIDIANA. ANTES DE CHEGAR A TAL EXTREMO, CONSULTE O SEU MÉDICO E PREVINA-SE, TOMANDO FÓSFORO FERRERO.

EXIJA SEMPRE O LEGÍTIMO

Fósforo Ferrero

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

\*\*\*\*\*



PÁGINA 4

17-SETEMBRO-1968

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO